

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

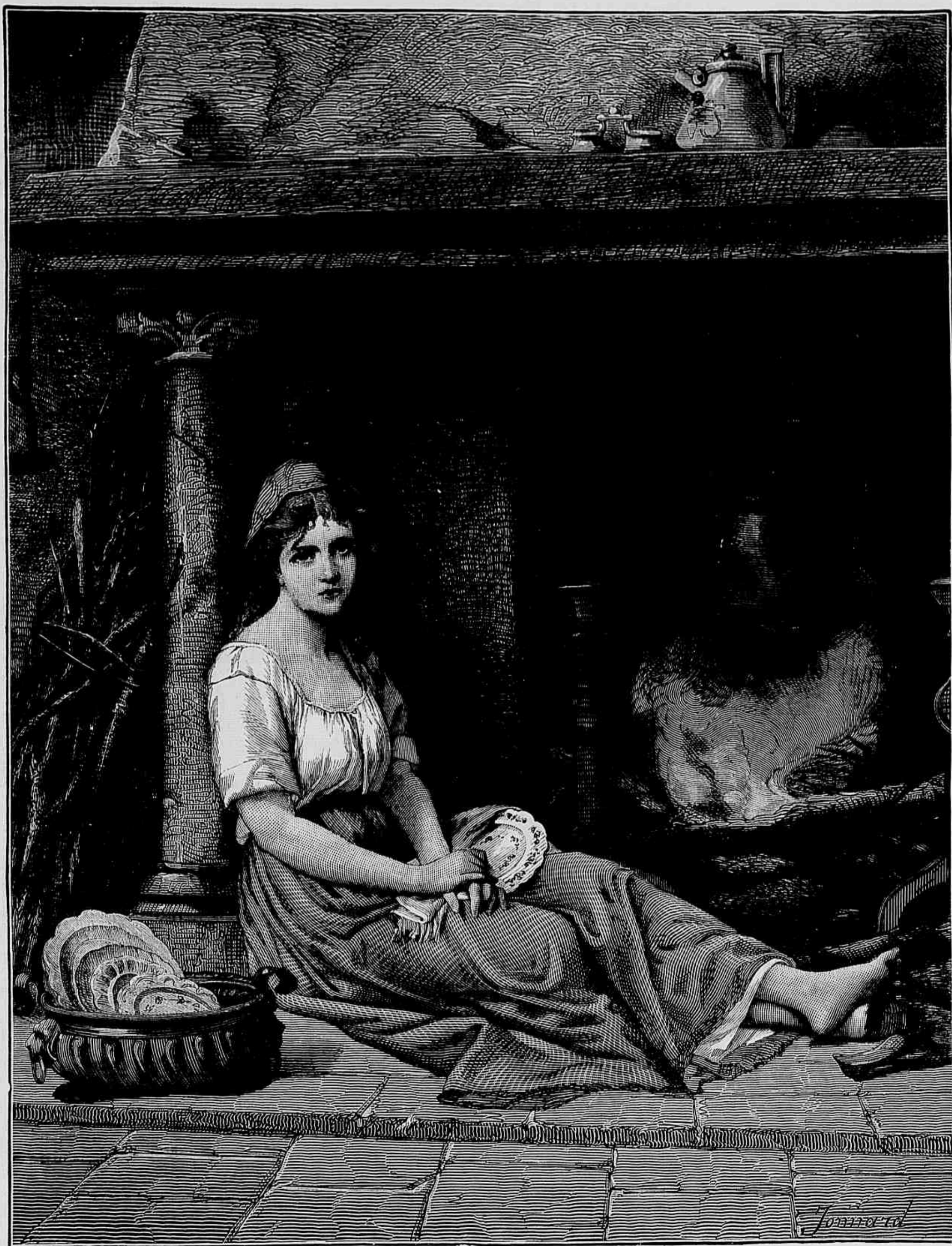
AGENTE NO BRAZIL : SERAFIM JOSÉ ALVES
Rua Sete de Setembro, 83, Rio de Janeiro.

GERENTE EM PORTUGAL : DAVID CORAZZI
42, rua da Atalaya, Lisboa

Vol. 1º.

PARIS, 30 DE ABRIL DE 1878.

NUMERO 9.



A GATA BORRALHEIRA

QUADRO DE BERTRAND

SUMMARIO

TEXTO

| | |
|--------------------------------------|--------------------|
| Correio de Paris | Guilhermino de Sá |
| A Gata-Borrallheira | |
| Um naufrago! | |
| O principe de Bismarck | |
| O paquete | J. da Camara. |
| O alarma | |
| A vespera da festa | Fernando Caldeira. |
| O navio couraçado "Superb" | |
| Uma latada de Maracujá | |
| A Exposição de 1878 | |
| Revista bibliographica | João Tedeschi. |
| Variedades | |

GRAVURAS

A Gata-Borrallheira — Um naufrago — Bismarck — O alarma — O navio couraçado "Superb" — Uma latada de Maracujá — A Exposição de 1878.

CORREIO DE PARIS

~~~~~ Uma grande parte dos estrangeiros que veem a Paris, julgam ter visto tudo, quando teem ido aos theatros, passeado pelos *boulevards*, feito duas ou trez visitas, jantado em quatro ou cinco restaurantes e passado algumas horas a ver os monumentos. Feito isto, dizem que conhecem bem a indole dos francezes, e que se se demorassem mais tempo, pouco ou nada mais aprenderiam. Enganam-se. Uma cidade, que tem, como Paris, uma população cuja historia é tão característica e tão differente da população das outras capitães, não pôde ser avaliada em resultado de um exame perfunctório. Tal viajante, porque n'uma loja o roubaram descaradamente, conclue que os francezes são ladrões, como se os não houvesse em toda a parte. Outro, porque recebeu uma resposta desabrida, infere que os parisienses são mal creados, nem que houvesse população no mundo que fosse por igual bem educada. Outro, porque no mesmo dia o criado da hospedaria, o moço que lhe levou uma carta, ou a mulher que lhe guardou o paletot no theatro, lhe pediram remuneração em troca dos serviços prestados, diz logo que os francezes são a nação mais interesseira, que existe, sem se lembrar que ha francezes que não são criados, nem moços de recados, nem guardas roupas de theatros. Faz lembrar o conto do homem que foi a Inglaterra, e que ainda a bordo, viu na praia dois pretos. Escreveu logo para a familia, dizendo, que os inglezes tinham a pelle muito escura e o cabello encarapinhado.

Não se pôde fazer idéa mais falsa d'um paiz e do caracter dos seus habitantes, do que a que resulta de observações ministradas por individuos que estão dispostos a achar tudo o que vêem peor do que o que deixaram na sua terra. Esta disposição é aggravada em muitos, pela febre de querer ver tudo em pouco tempo, a correr, como quem se quer ver livre d'um fardo. Ha quem diga que as primeiras impressões são as melhores. Não sei em que sentido o sejam. É certo, porém, que estas, raro são as mais exactas e verdadeiras.

Para se apreciar bem o caracter d'uma população, é preciso primeiro do que tudo procurar saber quaes são as suas aspirações, os seus ideaes. Povo que não tenha um programma definido, é povo que vive por obra e graça dos outros povos. Tem uma vida vacillante e duvidosa. Este povo não está n'esse caso. Tem um programma. Dado o programma, conforme a época, assim varia a maneira de o executar. Ora o programma da moderna Athenas (eu já lhe chamei a Nova Babylonia, mas vi depois que andava errado) é o da conquista da liberdade. Mas que virá a ser liberdade? Em todos os tempos cada nação, entendeu-a a seu modo. Acontecia mais, e era que dentro de cada nação, cada partido tinha uma opinião a este respeito. O caso agora mudou de figura. Não só cada partido entende a coisa d'uma maneira differente, como tambem cada individuo tem uma idéa sua. Já vimos qual era o programma, temos agora a característica. É a confusão. Assim, por exemplo: a imprensa. Um, quer que se possa publicar tudo, seja contra quem for e por qualquer forma, com tal que o author do artigo fique responsavel pelo que diz. Outro, não quer que tal coisa se possa fazer nem com responsabilidade nem sem ella. Para este, o seu modo de entender a liberdade, está, em que se não possa publicar coisa alguma, que não convenha ao governo. Outro, quer que isto seja assim, mas só nos jornaes. Sendo em livro pôde passar. Outro, quer que mesmo nos livros se não possa atacar a sua religião, a religião d'elle. É uma maneira engenhosa de entender a liberdade, e que consiste em que não haja senão uma religião para todos, por força ou por vontade... livre. Outro, quer que cada qual possa manifestar a sua opinião em materia religiosa comtanto que não offenda com os seus escriptos os dogmas de certas e determinadas religiões, que são trez em numero. Este plano é uma variante do antecedente. Tem mais graça porque é mais confuso. Aquelle, diz que não ha senão uma religião verdadeira. Este, estabelece que só ha trez religiões verdadeiras, apezar de se excluírem umas ás outras, e com isto dá-se ares de mais liberal, quando nem sabe o que está a dizer. Eu tambem já não sei o que digo por me ter metido a tractar d'um assumpto em que ninguem se entende. E já agora paro aqui. Tambem sou livre.

~~~~~ « Dize-me que mobilia tens, dir-te-hei quem tu és ». Isto era muito acertado n'outros tempos. Hoje não. Antigamente havia clero, nobreza e povo. Á vista da mobilia podia-se concluir a que classe pertencia o dono da casa. Mas presentemente não se pôde admitir semelhante classificação. A bem dizer não ha classificação possível. Não ha senão uma classe, com ligeiras distincções entre os individuos que a compõem. Essa classe é a burguezia. Ou é-se burguez ou aspirante a burguez, ou burguezissimo. Os que fazem excepção não podem ser considerados, nem entrar em conta nenhuma. São os poucos, raros individuos, que em cada nação são chamados poetas, philosophos, artistas, visionarios, homens de sciencia, gente que não tem senso commum que é o maior inimigo do bom senso. Podemos juntar a estes alguns raros sacerdotes, pessoas de sinceras convicções religiosas, que com os olhos pregados n'um horizonte vago, dizem como Jesus, que o seu reino não é d'este mundo. E o mundo

ri-se d'elles, encolhe os hombros com desdem, quando os vê passar. Salvo estas pequenas excepções, tudo o mais é burguez ou aspirante. Não se tracta de outra coisa senão de chegar a possuir bastante. Quer-se commodidades, conforto, bem estar. Trabalha-se para se ter 10; em chegando a 10, augmenta a febre, quer-se chegar a ter 15; em se tendo 15, é preciso dobrar; a morte está certa, é preciso andar depressa; em ella chegando é preciso que haja muito; o proprio enterro é faustoso; os mausoleus são sumptuosos; custam caro. E n'este sentido já o novo mundo veio dar lições ao velho. Ha uma recommendação feita á hora da morte por um pae a seu filho, nos Estados Unidos da America, que resume bem o estado de adiantamento a que ali chegaram as novas idéas. *Be honest if you can, but make money.* « Se puderes sê honrado, mas arranja dinheiro. » Se puderes, entenda-se bem, assim em ar de coisa secundaria, que o principal é arranjar dinheiro. Verdade é, que nós, na nossa carunchosa Europa ainda não chegámos a afinar uma recommendação d'aquellas, nem se pôde dizer ainda que resuma bem o estado geral dos espiritos. Mas para lá vamos caminhando. Se o amor das commodidades continuar com a mesma furia que tem tido n'estes ultimos annos, estamos lá caídos.

Em Paris o aspirante a burguez, que alguns chamam proletario, mobila a sua casa como aspirante que é. Tem coisas pobres, com pretensões a ricas. Sobre o marmore da chaminé ha relógio, e candelabros. Tudo dourado, já se vê, fingindo oiro. No quarto de dormir tem cortinas a cama, e cortinas a janella. Um pequeno tapete, que não cobre o quarto todo, mas que é muito agradável, porque lhe dá assim um ar de principio de luxo. Pelas paredes *étagères*, com mil bijouterias, em geral feias e sem valor. Uma ottomana para recosto, manifesta bem a direcção da marcha. Por ali se vê para onde se vae. Ninguem se senta n'ella, porque não ha tempo, mas é preciso parecer que tambem se possui coisa de regalo.

Mais acima um bocadinho, está o que ainda não é burguez definitivamente, mas está para o ser. Tem uma officina, ou uma lojinha, mas ainda é preciso trabalhar com a ferramenta na mão para não voltar a aspirante de ultima classe. Este já tem salla, já não põe a lampada em cima da mesa para allumiar o jantar, tem uma suspensão. É mais commodo, é melhor. Faz como a gente rica.

Depois segue-se a graduação dos differentes estados de riqueza da burguezia. Cada qual mobila a sua casa por forma que pareça mais rico do que o que é. Não se sabe qual é o estylo da época. Não ha estylo. São lojas de ferrovelho, muito aceadas, com o pó bem limpinho. Misturaram-se os estylos. É um labyrintho de desconchavos, sem harmonia, nem nas côres nem nas fórmãs. São coisas que estão para ali para attestarem que quem as comprou é rico. Aquella arca que servia na idade-média para guardar fato, serve hoje para guardar carvão de pedra. Aquelle immenso armario, todo coberto de obra de talha, servia d'antes para guardar as reliquias da familia, hoje está na antecamara, logo á entrada, para que todos o vejam e saibam que ali está aquillo. Não serve para mais nada. Esta mania pelos moveis antigos comprados a cito, sem idéa fixa, mostra bem a distancia qua nos separa d'aquellas épocas em

que o pensamento de cada classe se definia tão bem. N'aquelles moveis vemos nós o passado, e nos moveis que se fazem hoje não se verá nada. As gerações futuras hão de rir-se quando compararem a solidez e feição característica dos moveis antigos, com a fragilidade e feição imitativa dos modernos. Dão bem a medida da confusão d'idéas, no meio da qual vivemos. Antigamente um movel servia para diversas gerações, mas hoje que uma família muda de moveis trez ou quatro vezes durante a vida, para que é preciso fazê-los mais solidos e duradouros? Basta que pareçam ricos.

GUILHERMINO DE SÁ.

A GATA BORRALHEIRA

Esta historia passou-se no paiz em que se passam todas as historias extraordinarias. São historias que não tem paiz nem epoca bem determinada. Em França chama-se *Cendrillon*, em Inglaterra *Cinderella*, na Allemanha *Aschenbroedel*, na Italia *Cenerentola*, em Portugal *Gata-Borrallheira*. A pobresinha ali está triste e resignada, sem rancor nem zanga, entregue á sua triste sorte. A madrastra foi com as irmãs mais velhas ao baile onde tudo é festa e luzimento. As irmãs são feias e más e ella que é tão meiga e boa fica ali no borralho a limpar a loiça e a fazer o serviço da casa. A innocente nem sabe que é bella, mas dia virá em que á força de soffrer, a boa da fada, compadecida da sua sorte, lhe ha de subministrar os meios para sair d'aquelle lance tão triste. Mais tarde não lhe faltarão bailes, festas, carruagens, ricos vestidos, esplendidos adornos, e coisa que vale mais do que tudo isso para um coração d'ouro como o d'ella, o amor de um principe.

O dia está proximo em que serás recompensada da tua humildade e resignação. Os humildes serão exaltados e os orgulhosos abatidos.

UM NAUFRAGO!

Pobre boneca! e pobre coraçãozinho de seis annos! Quantas vezes assistimos a uma d'estas scenas da tragedia infantil (como lhes chamou um amavel poeta) e temos a coragem de rir, com a nossa superioridade de gente grande... Pois ha ali uma scena pathetica, pungente, e aquellas lagrimas ingenuas valem mais do que muitas das que nós chorámos as vezes por orgulho, por inveja, que sei eu? por muitos motivos indignos ou tolos. Sabeis o que ha ali, n'aquellas lagrimas afflictas choradas sobre o caso lastimoso d'uma boneca em perigo de vida? Ha o profundo e sublime instincto do coração feminino, o instincto maternal, pascendo já affectos e revendo-se vagamente n'um symbolo feito de trapos velhos! É uma precocidade innocente, que incanta e commove. Anda lá, pobre pequena! começaste hoje o teu apprendizado de mãe, isto é, de martyr.

BISMARCK

Machiavel, descrevendo no seu *Principe* o perfeito politico, tal como o seu genio tenebroso o concebia escreveu esta phrase: *bisogna essere volpe e leone*. Foi propheta Machiavel, e o seculo XIX vio realisado aquelle ideal leonino

e volpino do seculo XVI. O grande ministro prussiano tem a musculatura ferrea, a precisão infallivel de movimentos, o *coup de griffe* fulminante e aquelle sacudir da juba terrífico e soberbo do rei da tribu carnívora: como elle, agita-se continuamente, procurando com a vista uma nova preza, *quaerens quem devoret*. Mas, como o animal favorito dos fabulistas, sabe tambem encolher-se, dissimular, rastejar, fazer-se morto, e quando não encontra uma preza nobre, veado ou gazella, a devorar, sabe contentar-se philosophicamente com uma modesta gallinha habilmente extraída da capoeira do visinho. *Bisogna essere volpe e leone*. Bismarck é igualmente exímio no tragico e no comico: e, o que é mais difficil, sabe revestir muitas vezes a tragedia com as galas burlescas e os chistes da comedia. O estylo picaresco parece-lhe ordinariamente o mais apropriado para exprimir uma situação dramatica. No seu furor ha malicia: e as suas malicias nunca são tão boas como quando acabam com effusão de sangue. É como um Richelieu que tivesse sido discípulo de Figaro.

De resto, homem do mundo consummado, *cela va sans dire*, e alumno distincto da philophia darwiniana, cujas tendencias francamente naturalistas representa a primor na esfera da politica. Aos seus olhos, os homens, as instituições, as tradições, as crenças, as nações e os imperios não são outra coisa mais do que forças cegas e inconscientes, que se chocam, se combinam, se dissolvem ou se recompõem segundo as leis mechanicas da lucta pela existencia, em allemão (que é mais philosophico) o *kampf für das dasein*, coisa alem de philosophica, formidavel, e que nas nossas sociedades modernas parece destinada a representar o papel que desempenhava nas antigas o *fatum*, o Destino.

É esta uma gloria que ninguem pode disputar ao principe de Bismarck; representar, melhor do que ninguem no nosso seculo, esse culto do novo *fatum*, essa religião do *exito*, de que é incontestavelmente summo pontifice. *La force prime le droit*, disse elle, e esta devisa é o labaro surgente da nova religião social. Por isso o exito o tem servido com uma fidelidade verdadeiramente fatalista. Tem feito grandes coisas, quem o duvida? Na sua mão a carta da Europa tem sido como uma carta de jogar na mão d'um jogador feliz... e habil. Tem feito grandes coisas. Mas durarão? Haveria muito que dizer a este respeito. A Justiça eterna, que preside á historia, serve-se muitas vezes, para os seus fins superiores, dos violentos e dos perfidos, mas nem por isso os absolve.

O PAQUETE

Era no fim da azinhaga — uma azinhaga estragada pelas chuvas do inverno e tendo ainda marcada na lama secca a passagem do ultimo carro de bois. D'um lado e d'outro velhas pitceiras misturavam a côr verde claro das largas folhas carnosas ao verde escuro, quasi negro, das silvas e perliteiros; de espaço a espaço erguia-se um carvalho secular, uma faia branca e prateada, um loureiro embalsamando o ar com o cheiro forte e bom das suas folhas agudas.

No fim erguia-se a casa com o seu aspecto senhoril.

A hera apoderára-se do exterior e aproveitando as fendas que o tempo abria, espreguiçando-se sobre o leito do velho musgo amarello que revestia cada pedra da parede, ia unir as suas folhas delicadas aos cachos de arroz que desciam em elegantes pyramides das beiras do telhado.

Uma pequena escada, seis ou sete degraus gastos, abalados, partidos, conduzia do pateo ao vestibulo do palacio.

Sobre o portão, cuja tinta gretada pelo sol caíra pouco a pouco, ostentava-se, comido pelo tempo, o brasão da familia, sobre o qual ameaçava ruína uma granda coroa de conde transformada em coito de lagartixas.

Os vidros denegridos e apenas translucidos tremiam de velhice nos caixilhos de chumbo.

No pateo, nos interstícios das pedras, crescia livremente a herva, e a um canto um ralho juntava as estridulas melodias ao monotono coaxar das rãs do pantano visinho.

O Conde estava na livraria sentado n'uma velha poltrona de coiro com pregos de metal. Tinha na mão um livro latino que lia attentamente.

A livraria era uma vasta salla alumiada por trez janellas de grande vão.

Avistava-se ao longe a aldêa com o seu campanario branco, as suas casinhas bem caiadas e os cimos dos choupos erguendo-se acima dos telhados e indicando a estrada que a atravessava conduzindo d'uma villa a outra.

Entre as janellas e as portas estavam as estantes com os grandes in-folios amarellos, os grossos dictionarios e as obras classicas latinas, portuguezas e francezas.

A parede fronteira ás janellas, por cima da chaminé de marmore branco, era occupada pelo retrato do avô do Conde. Era um homem alto, bem feito, sympathico. Estava vestido á epocha de D. João V. Tinha uma das mãos nos copos da espada, as suas commendas ao peito e uma sombra exquisita, forte, brutal na metade do nariz do lado esquerdo. A moldura deixára cair o doirado e estava rendilhada pelo carunchinho. A um canto uma aranha tecêra a sua teia e esperava pela presa, escondida n'um rasgão da tela.

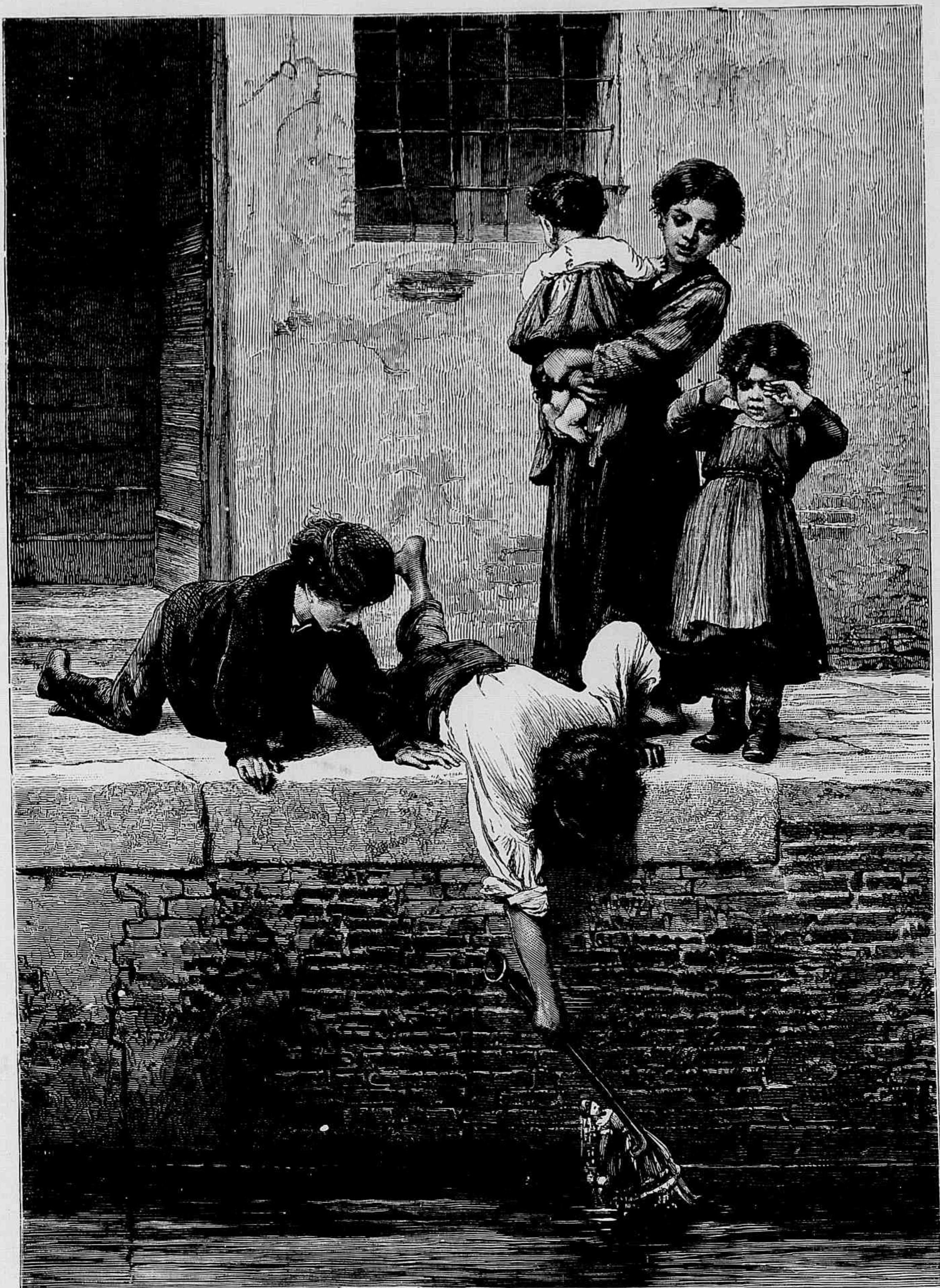
O sol descia e o Conde para lhe aproveitar os ultimos raios puchára a cadeira para o vão da janella e com o livro sobre o joelho, o cotovello sobre a perna traçada e a testa encostada á mão, lia attentamente uma passagem de Suetonio.

O crepusculo foi invadindo a salla. O sol, depois de ter com o ultimo raio brincado um instante na testa veneranda do avô commendador, desceu para traz do cabeço e as grandes sombras dos montes fundiram-se pouco a pouco n'uma tinta geral.

O Conde fechou o livro sobre o index e poz-se a contemplar a aldêa.

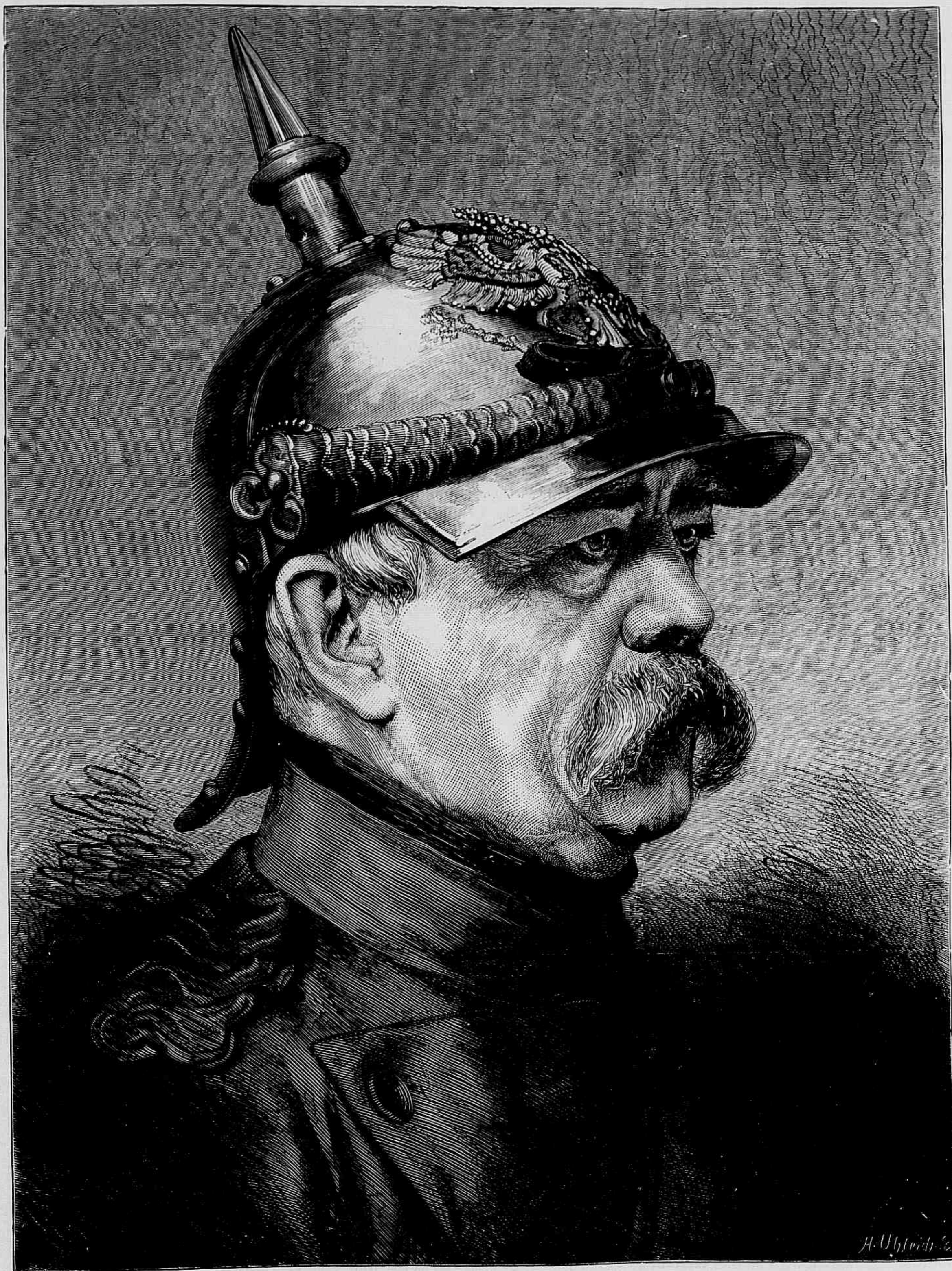
O vento do sueste entrando pelas fendas das paredes sibillava tristemente no corredor, os vidros batiam nos caixilhos de chumbo, as aves nocturnas, que habitavam as vastas chaminés do palacio, começavam a piar e aos ouvidos do Conde chegava a alegria boa e sã da aldêa como uma nota pura e suave d'uma flauta no meio do delirio d'uma orchestra.

Estava-se no mez de novembro e as noites eram frias.



UM NAUFRAGO!

QUADRO DE LUIZ PASSINI



O PRINCIPE DE BISMARCK

O Conde olhou tristemente para as janellas das casas dos lavradores alegremente illuminadas pelo fogo vivo das lareiras e estremecendo de frio dentro da velha sobrecasaca parda, levantou-se, tocou uma campainha e mettendo as mãos nas algibeiras começou passeando pela salla.

Era um velho alquebrado e quasi completamente calvo; apenas duas ou trez madeixas de cabello branco e comprido desciam-lhe do alto da cabeça até á golla do casaco. Usava a barba toda; era curta e branca. Os olhos, cuja luz a idade ia apagando, tinham a côr mal definida que tem os olhos dos velhos e das crianças, tinham com tudo uma expressão doce e melancolica. Ao canto da bocca uma prega vertical, desdenhosa e altiva quando o Conde estava serio, dava-lhe uma expressão de sympathica tristeza quando sorria.

Ao toque da campainha accudio um criado.

Era um velho tambem, mais velho do que o Conde talvez. Trazia vestida uma casaca por certo verde, se não lhe occultassem o estôfo accumuladas passagens de linha preta.

Entrou curvado um pouco pelo respeito e outro tanto pelos annos.

— José, disse o Conde, vae arrancar mais uma taboa á salla do *doce* e arranja o lume.

— Senhor Conde, eu sóinho não tenho forças.

— Chama o caseiro, como tens feito nos outros dias.

— O Manuel foi-se hoje embora, senhor Conde.

— Foi-se hoje embora? Porque?

— Foi trabalhar para o quinta do João Pereira. V. Ex.^a bem sabe que o homem, coitado, tem familia que sustentar e como os ordenados estavam atrasados...

— Effectivamente, recordo-me que ha já bastante tempo... ora, coitado! Mas, porque não me disse elle! Eu esqueço-me de tudo. Has de lhe dar dois pintos da minha parte. Vamos, eu te ajudarei hoje a arrancar a taboa.

E saíndo ambos foram a um quarto proximo e arrancaram uma taboa do soalho. José serrou a n'umas poucas de partes, ferio lume com uma pederneira, porque o Conde reprovava os foforos como perigosos, e pouco depois uma chamma viva e alegre trepava pela chaminé.

O Conde tornou a abrir o livro e continou a ler Suetonio á luz de um bocado do seu palacio.

Tinham-se ido as taboas pouco a pouco e já quasi não restavam senão trez quartos completos, o do Conde, o de José e a livraria. Taboas, vigas, portas e janellas tinham-se desfeito em cinzas.

E os velhos lavradores da aldêa, ao verem o fumo azulado erguer-se em espiral acima da chaminé do palacio, sorriam tristemente e diziam:

— Coitado!

Mas o Conde continuava alegre e indifferente. Como até ali nada lhe faltára, Deus sabe á custa de quantos sacrificios do pobre criado, o Conde não pensava no estado de miseria a que se achava reduzido ou, para melhor dizer, não queria pensar.

Quando ao domingo voltava da missa, vinha conversando alegremente com um certo ar entre familiar e preceptor com os lavradores que o estimavam e gostavam de ouvi-lo. Entrava nas choupanas mais pobres, e afflicto com a miseria que n'ellas encontrava, dizia baixinho pa-

ra o velho José, que o acompanhava sempre com o grande missal romano de baixo do braço!

— José, deixa um pinto em cima da mesa para esta pobre gente festejar o domingo.

E saía tocando ao de leve com os dedos nas faces rosadas das criancinhas loiras, que olhavam para elle com os seus meigos olhos grandes cheios de espanto e de curiosidade.

José demorava-se como que para obedecer ao Conde e saía momentos depois levando nas vastas algibeiras da casaca os bocados de pão negro e de carne com os quaes e com a ajuda de mais uma taboa o Conde havia de jantar n'aquelle dia.

E o Conde continuava alegre e passava os dias conversando, como elle dizia, com os seus aucthores favoritos e entretendo a imaginação com os sonhos doirados d'um futuro melhor.

O Conde tinha um filho.

Havia trez annos que o seu genio desleixado o obrigára a partir para o Brazil, na esperança de á força de trabalho, reparar as perdas da fortuna.

E não fôra a ambição que o levára tão longe. Não ignorava elle a maneira como se sustentava o Conde e ao seu genio altivo custava sujeitar-se á compassiva esmola dos aldeãos.

Um dia deu parte das suas tenções ao pae, mostrando-lhe a conveniencia d'aquella partida, occultando-lhe porem uma grande parte da verdade com receio que a revelação d'ella fôsse um golpe fatal na vida do Conde. Repellida primeiramente a idéa como absurda e pouco digna, o pobre velho com o coração esmigalhado pela dôr e pela vergonha, teve por fim que render-se e sacrificar o seu orgulho ao orgulho mais nobre do filho.

Obtida a licença partio levando como capital a benção paterna e os poucos pintos que rendeu mais uma hypotheca.

* * *

Os primeiros dias fôram horriveis para o Conde. Sentia um vacuo enorme n'aquella casa, havia pouco tão cheia ainda. Depois a dôr foi abrandando pouco a pouco e o Conde voltou aos seus habitos antigos. Tinha mais um sentimento no coração: a esperança.

* * *

Um dia chegou uma carta que dizia!

« Meu caro pae, vou bem, vou muito bem. Pelo proximo paquete espero poder enviar-lhe cem mil reis, quantia que continuarei a mandar todos os mezes. »

O Conde procurou *paquete* no dictionario de Moraes e achou a palavra comida pela traça.

José chorava de alegria e n'aquella tarde deitou duas taboas no lume, accitou um copo de vinho ao João Pereira, e quando acabou o terço disse para o Conde com quem o resára em voz alta:

— Para que se realise o que sr. D. Carlos nos promette: Salve, Rainha.

* * *

E passou-se mez e meio e o Conde dizia:

— O que será *paquete*?

De Agostinho de Macedo para cá não sabia nada, não lia jornaes e nem vêl-os queria. Detestava-os com aquelle odio dos velhos a

tudo quanto é novo, um odio sem razão, quasi instinctivo. Quando via algum jornal murmurava logo!

— Maçonaria!

E continuava a esperar o paquete como um sebastianista espera D. Sebastião, com uma confiança cheia de pequenas impaciencias.

O palacio já pouco mais tinha do que as paredes. Pouco a pouco, taboa por taboa, viga por viga, o quarto do criado passára pela chaminé e este dormia agora na camara do Conde.

E o velho fidalgo dizia ao ver crepitar as taboas na vasta chaminé:

— Paciencia! Isto concerta-se depois, quando chegar o paquete.

E José apenas respondia:

— Salve, Rainha.

Estava-se no principio de janeiro.

O Conde começou a separar os livros em duas classes: a dos livros uteis e a dos livros inuteis.

Os livros inuteis transformavam-se em calor, e, quando o Conde via as paginas amarelladas torcerem-se sob a acção do lume, olhava para ellas tristemente e depois erguendo os olhos para o retrato do avô dizia mentalmente, como que pedindo desculpa:

— São os peiores.

Acabaram os livros inuteis e o Conde poz de lado os optimos e queimou os restantes.

Duraram dois dias.

E como o paquete não chegava, o Conde coçava a cabeça e olhava cum um modo menos respeitoso para o missal romano.

José triplicava o numero das *Salve, Rainhas*.

Um dia ardeu a edição de Camões do Morgado de Matheus, no dia seguinte uma edição mais antiga, no outro o canto nono d'uma edição antiquissima.

E o paquete não chegava, e os manuscriptos arderam, e o Conde queimou as gravuras e conservou apenas Suetonio.

* * *

Passados dias chegou uma carta.

Trazia um sobrescripto azul, um pouco transparente, muito boa lettra, uma lettra com muitos finos e grossos, como a d'um professor de caligraphia. Trazia a marca do Brazil e cheirava a carvão de pedra.

Foi José quem a recebeu, e correndo para a livraria onde o Conde estendia instinctivamente as mãos tremulas sobre as cinzas frias da chaminé entrou gritando:

— O paquete! o paquete!

O Conde estremeceu, ergueu-se e pegou na carta.

Era talvez a fortuna!

Passou-lhe uma nuvem pelos olhos.

Encostou-se a uma poltrona e tremendo abriu o sobrescripto.

E leu:

« Temos o doloroso dever de dar parte a V.^a Ex.^a do fallecimento do seu filho... »

O Conde não poudo ler mais e deixou cair a carta.

José exclamava:

— Perdidos! Perdidos!

E dava com a cabeça nas paredes.

O Conde conservava-se silencioso e fitava com os olhos turvos a folha de papel azul que tremulava no chão assoprada pelo vento.

— Resta-nos a caridade, José, disse elle por fim. Vae, vae ter com essa gente a quem hontem

ainda eu dei esmola e dize-lhes que o Conde lhes pede por favor um bocado de pão.

E depois soluçando :

— Meu filho! Carlos! meu pobre filho!

E como fazia muito frio, o Conde queimou o Suetonio.

J. DA CAMARA.

O ALARMA

Não sei porque se ha de chamar *sexo fraco* á parte mais bella da humanidade, quando todos os dias observamos actos de extraordinaria coragem, praticados por esse sexo calumniosamente pretendido poltrão. Senão vejamos este collegio de meninas, como se porta n'um momento de perigo gravissimo. Estão ali todas, as *grandes* e as *pequenas*, e as senhoras mestras e a propria directora com os seus oculos. Não faltou uma só, nem uma só teve a cobardia de se esquivar a um perigo terrivel e mysterioso. E todavia quem duvida que n'aquelle sotão podia estar emboscado um salteador, um assassino, mais, um fantasma, uma alma do outro mundo? A final eram apenas dois gatos em pugna fraticida. Que importa? Nem por isso foi necessario menos animo para affrontar com um perigo desconhecido, tanto mais terrivel por isso mesmo. Evidentemente, não foi a coragem que faltou, foi só a occasião de se empregar. *Honneur au courage malheureux!*

COSTUMES PORTUGUEZES

A VESPERA DA FESTA

São passados uns dias depois d'esse, em que encontrámos na insua o bando dos sachadores nas duas horas da sesta. É um sabbado. Extra-nha animação vae na aldêa.

Por todas as avenidas chegam mulheres carregadas, e por cima dos comoros vê-se passar, na mais extravagante confusão, agora uma canastra de flores, e logo um grande pacote de panninho escarlata e amarello devidamente agalado, depois vem um feixe de rosmaninho a par com um pulpito portatil e uma canastra de foguetes; segue-se outro feixe das varas d'um pallio, entre uma quartola de vinho e a caixa d'um violoncello; — dois molhos de rama de loureiro e herva doce fazem turma com quatro cruces de prata e as rodas d'uma peça de fogo prezo.

Depois ouve-se a voz do sachrista de *** que no trajecto de uma legua não teve tempo de contar ao mestre armador como foi que a sr.^a junta de parochia teve a generosidade d'emprestar as seis cruces de prata e o mais rico pallio do concelho por especial fineza ao Morgado e á filha, visto ser ella a Juiza — e com effeito mais duas cruces de prata e o pallio seguem n'uma canastra os dois interlocutores, quasi a par d'um enorme rebecão á cabeça d'uma grande moçetona, que mettendo os dedos por um rasgão da baeta verde, que o envolve, toca um pequeno rufo modulando a meia voz a *cana verde* pela toada plangente do desgraçado, que a cada solavanco geme angustiosamente d'encontro ao craneo, que desapiedado se lhe finca no tampo.

Finalmente, bufando como uma locomotiva, uma mulher muito gorda e muito baixa, carregada de suor e de clarinetes, resmunga comsigo mesma varias diatribes e chasques contra a presumida quarentona que a precede alguns pas-

sos, e, apesar de bons 25 annos de decepções a seis por anno, tão cuidadosa de se compor é ainda, e tão *ensacada* leva a saia em modo de amostrar mais de meia perna, sem reparar, a toleirona, que o capitel obscurece a base, e que nem um olhar masculino ha de admirar-lhe a perna roliça, em quanto da canastra de figues que a carrega, se desenroscar a cabeça verde do trombone ou serpentão, ou o que é, a escancarar aquella boca rubra, a cujos tremendos roncões mais de vinte igrejas e capellas teem estremecido nos alicerces.

Vae tudo juntar-se no largo da capella e ahi... ahi vae o demonio!... Confundem-se n'um alarido do inferno os gritos, o bater dos martellos, as ordens, os ruidos das serras, as pragas, os ralhos e as cantigas. Ali, os mestres tornam a desmanchar o palanque do sr. Morgado, porque o sr. Regedor quer o palanque mais em frente do theatro; uns, aqui, acabam de pintar a sete cores o grande mastro, mas não vem o diabo do rapaz com essa bandeira para ir arriba. Acolá, estão já penduradas as lanternas de côres nos dois arcos, mas falta azeite para mais de meio arco. Alem, quatro musculosos camponezes, isto é, o galan, o pae nobre, o tyranno e a ingenua recusam-se a vir puchar ás cordas do mastro, com o pretexto de darem a ultima demão á scena e verem se as trez cobertas de chita, que fazem o panno de boca, correm bem na corda. Mais ao largo, alinham-se os carros com pipas de bom Baírrada, apesar dos protestos d'uma das botiquineiras, que ainda na função de faz agora um anno, armou ali o taboleiro, onde agora lhe põem um dos carros.

São onze e meia, e finalmente, em grande vozeria, precipita-se no largo uma columna formada de quanta criança ha na aldêa de 6 a 12 annos, annunciando o mais importante acontecimento. Chegavam os tambores. Comprehende-se a possibilidade da função da santa até sem capella e sem santa, sem tambor — não.

O sr. Regedor, um dos mordomos da festa, que dirige, cuida elle, tudo aquillo, grita para cada lado uma ordem.

— Ó Bernardo, tens a mecha acceza? olha lá, se vae falhar o rastilho dos morteiros. Ahi veem os tambores. Ó Faustino, vá, vá, com esse mastro... Plante tudo em acção, olha que ha de ir tudo ao mesmo tempo e o meio dia não tarda ahi.

Depois dirigindo-se ao tocador do zabumba, á frente da sua quadrilha, trava-se o seguinte dialogo :

— Ora viva o nosso mestre Laverco, já cuidei que nos faltavam.

— Ora viva o sr. Regedor mais quanto lhe pertence; o sr. Antoninho tambem já nós topámos e está fero, benza-o Deus.

— O meu rapaz!.. sim, sim, ha de andar lá para as bandas do Morgado; perdê-lo e achá-lo é para ali...

— Sim?... eu a modo, que tambem já ouvi nomeiar...

— Então que quer, mestre Laverco? eu bem n'ó queria para padre, mas o mafarrico do rapaz, parece-me que tem para ali a inclinação da sympathia do interior, e pelos geitos que lhe vou vendo, de latim... só se fôr o *conjungo vós*...

N'esta altura do dialogo, o sr. Regedor nem tempo teve de dar o significativo estalinho com

a lingua no céu da boca, armando a physionomia d'aquelle ar matreiro, com que costuma arredondar ás vezes o seu chiste. Fulminára-o, tanto monta, o sino da villa a bater meio dia.

Foi um instante só, mas d'esses que resumem vidas. O sr. Regedor poudo enfim arremessar as mãos ao pescoço para desenovellar a voz nas guellas, e, dando trez passos em cada uma das trez direcções, rouquejar enfim!

— Estoura os morteiros; vá tudo. O mastro... o tambor, mestre Laverco, estoure isso.

Com effeito as doze badaladas não eram dadas, e o mastro levantava acima do sobreiral a bandeira nacional, e o pífano repenicava o hymno do sr. D. Luiz Primeiro, e a um tempo estouravam os foguetes e as aclamações e os morteiros e as palmas e o zabumba, estourava tudo. Era tempo; um minuto mais de demora e era o sr. Regedor que estourava.

Deixemos mestre Laverco com a sua enorme baqueta, annunciando solemnemente ás redondezas a festa rija do dia seguinte, em quanto os fogueteiros cravam no chão as differentes peças do fogo prezo, e põem em acção os cinco balões, n'um dos quaes, por um requinte de galanteria do sr. Regedor, se via uma mona pintada com vermelhão, rodeiada de grandes lettras, que diziam « *Biba a sr.^a Morgadinha — biba a sr.^a Juiza.* »

São oito horas; é noite. Não cae dos sobreiros uma folha que não pouze n'um chapéo, n'um lenço, no capuz d'um gabão; uma concorrência enorme!.. e toda aquella multidão se agita e ruge n'um alarido confuzo, em que do mesmo modo se perdem o afflicto *uivar* da corneta de chaves e o vagido d'uma criancinha ao colo da mãe, o pavoroso *sol e dó* do serpentão e a festiva toada da banza provocando com a mais tentadora *real caninha* a esbelta cantadeira.

Onde está mestre Laverco? só elle pôde, se quizer, estender por sobre tudo aquillo uma baquetada, como o trovão, que na anarchia da tempestade ordena á vagas : emudecei. Mas onde está elle?... vae começar o espectáculo. Faltava só a ingenua e lá vae ella pela escada de mão a subir para o palco, seguida da admiração d'um publico idolatra, das recommendações das cinco ou seis proprietarias do seu vestuario e dos conselhos da tia Antonia, que, (ó deuses) a vestio!.. Aos extremos da ribalta apparecem já os archotes, que hão de, nas mãos de dois camponezes, illuminar a scena. Mas no palanque do Morgado vemos apenas o sr. Antoninho, elle e a sua cruel anciedade... Não, o panno não subirá na ausencia da sr.^a Juiza. Fôra a subversão de todas as praxes.

Falta apenas meia hora para a partida da diligencia, que ha de arrancar-nos d'ali. Approveitemos o tempo e leve-nos a nossa curiosidade a visitar essa parte do arraial mais immersa na sombra do arvoredado, onde não chega o clarão dos dois arcos illuminados em frente da capella, e só a luz mortica da lanterna d'algum botequim ou d'alguma vela de sebo cercada d'um pedaço de jornal e atada ao fôiro do carro d'um taverneiro, rompe timidamente na escuridade. Boa idéa a nossa!.. Eis dois velhos conhecimentos. A loira cantadeira da sesta dos sachadores. É ella que desvia uma das pontinhas do seu lenço cheio de tremoços, offerecendo-os ao seu conversado, que os trinca com menos appetite, do que a ella a devora com os olhos. Elle offerece-lhe por sua vez licor, que ella acceita; sigamol-os até aos bote-



O ALARM
QUADRO DE TOMÁS E.



O ALARMA
DE THOMAS E. ROSENTHAL

quins, e vejâmol-os beber alternadamente pela mesma garrafa, trocando chistes e lérias com a botiquineira, que vende a obra prima d'aquella industria. Ninguém, como ella, sabe proporcionar as porções de bom assucar mascavado, canella, agua ardente e agua fervida, que devem entrar na confeição do nectar; por isso, é ver-lhe a freguezia!.. tem noitesinha de ganhar trez tostões e mais!!

Vejamos. Toda estremece a nossa gentil cantadeira ao som d'aquella banza!..

— Olá primo! vae um gole? — diz ella ao tocador, que chega, passando-lhe a mão a garrafinha, que elle acceita.

— Obrigado — diz aquelle restituindo a garrafa, depois de a levar aos beiços e limpar em seguida com a outra mão.

— Então não vae mais, primo? Soube-te mal?

— Sabia a rosas, responde elle, porque sabia aos teus beiços mas tambem sabia...

E callou-se, porem os olhos cravados como dois punhaes no parceiro da prima, diziam o que os labios não diriam.

Um momento depois apertava nervosamente o braço da banza e entendia-se-lhe no tocar o desespero do coração. Então ella sorri-se amorosamente para o seu conversado, traça a capa, pondo uma das mãos na cintura e depois de um momento encarar uma estrella por entre a copa do arvoredor, canta com a sua deliciosa voz:

Ó tocador presumido,
toca, sim, mas não te gabes,
que, ao que sabem os meus beiços,
sabem todos, que o não sabes.

Responde-lhe o tocador immediatamente, como é brio de cantadores:

Os teus beiços são, que eu vejo,
dois gominhos de maçã.
Quem me dêra a mim trincal-os
em jejum pela manhã.

Torna ella sem dar tempo ao seu conversado de mais atormentar na mão o grande varapau.

Tu, que fallas na maçã,
não me pões susto nenhum,
porque ao mesmo tempo fallas
e fallas bem, em jejum.

Rompia apenas o applauso da gente, que já os cercava em magote e rompe a voz do cantor:

Se tu és hostia sagrada,
em jejum quero ficar,
que fico assim na esperança
de te poder commungar.

« Ah! vem o Morgado » gritaram ali, e ao mesmo tempo meia duzia de foguetes subiram ao ar, e um ruidoso rufo seguido de duas valentes baquetadas no zabumba nos annunciavam ali mesmo a presença de Laverco e companhia. Foi a nossa redempção, aliás, de enlevados que estavamos com o descante a desafio, teriamos perdido o espectáculo. Estava explicada a anciedade do sr. Antoninho. O Morgado mandára pedir, que não o esperassem para começar a festa, e o coração do Antoninho estava nas garras do abruite da incerteza. Viriam mais tarde,

ou permitiriam adversos fados, que n'aquella noite elle não affogasse a alma apaixonada n'um doce olhar da Juiza?..

Fôra o caso, tivemos a astucia de o saber, que o Morgado, boa pessoa, sim, mas ligeiramente vaidoso, resolvera á ultima hora entrar no largo pela avenida principal, o que lhe dava azo a atravessar todo o largo, e para isso tivera de fazer grande volta. Tinha pois começado o espectáculo, e dez minutos depois trovejava o sr. Regedor dirigindo-se aos actores no momento em que a ingenua desmaiava nos braços do galá.

— Alto ahi, rapazes, que ahi vem a sr^a. Juiza — e descendo apressadamente do camarote, foi com dois cabos de policia abrir passagem á comitiva. Com effeito nunca vimos coisa mais apparatosa.

Á frente dois cavadores da quinta erguiam cada um seu archote, logo atraz, illuminado sinistramente por aquellas lavaredas via-se o immortal Laverco levantando magestosamente acima das duas columnas do fumo do alcatrão, a terrivel baqueta, estourando com toda a quadrilha o hymno da carta, com a mesma semcerimonia com que muitos dos nossos politicos estouram a propria carta, sob pretexto de que para elles aquillo nem carta é, mas apenas o bilhete constitucional.

Segue-se um criado de libré. Traz enterrado até á nuca um chapéo bastante acanaveado pelo tempo e rodeado de galão outr'óra prateado; um lenço branco amarrado ao pescoço; um collete de panno escarlata com dez casas de botões para trez moradores, que restam; completa a libré uma enorme sobrecasaca de briche com alguns botões amarelllos, que pertencera ao antigo morgado, o homem mais corpulento que por ali houvera, umas luvas de algodão branco pertencentes ao patrão, a calça de burel dominigueira e os tamancos novos; na dextra empunha a longa aguilhada, que elle, parando a espaços e meio voltado, abate sobre o centro d'uma canga toda enramalhada, prezos á qual o seguem humildes e pachorrentos um boi de côr amarelhada e uma turina malhada de branco e preto, que momentos depois é convidada pelo figle da banda para berrarem em quintas, ella pelo vitellino, e elle pelo demonio que o leve.

Os dois animaes arrastam atraz uma coisa extraordinaria! Suspensa sobre quatro grandes rodas vermelhas, dança de pôpa á prôa, nas elevadas amarrações, a caixa ou antes a arca d'um carrossão, recentemente pintado pelo caidador do sitio, que ali estreiou a pittoresca imaginação, fazendo apparecer entre ramagem verde sobre fundo amarello côr de laranja, um boneco e duas bonecas, que dizem ser, os retratos do Morgado, da esposa e da menina. Atraz vem na tabua outro machacaz de libré como a do carreiro.

Chegado o sequito á frente do respectivo palanque, parou aquillo, e então o criado da tabua atirou-se fuzilando lume n'um pedregulho, que lhe ficou britado sob as brochas de ferro dos sócos, e lesto correu a abrir a portinhola do carrossão que começou a descarregar. Saíram primeiro sete criadas de diferentes idades; depois o Morgado, a Morgada e a sr^a. Juiza, que foi logo aclamada pela multidão.

— Siga — diz o Morgado ao pagem.

E o monumento seguiu vagarosamente, em quanto a familia subia solemnemente para o seu palanque.

O Morgado é um homem alto, magro, muito

aprumado, como um galhardo coronel de milicias, que foi, cabello abundante, quasi branco, a barba, que só traz crescida do queixo á orelha, exactamente acompanhando a corréa do seu bonné miliciano, que a instancias da Morgada elle inclina ainda sobre a orelha direita. O resto da barba é rapado todos os sabbados á excepção do bigode, de que deixa uma especie de borla por baixo do nariz, perfidia com que pertende disfarçar-lhe a proeminencia. Traja uma sobrecasaca de bom panno nacional com gola e punhos de pelle de cordeiro, e apertada no inverno por alamares, que no verão pendem livremente, ao que devemos o prazer de admirar um bom colete de setim branco com raminhos côr d'ervilhaca, artisticamente apertado somente pelos dois botões inferiores, para deixar ver um magnifico grilhão de oiro serpeando pelo peito da camisa em ar de trepadeira até á gravata ou colleira de setim côr de vinho; calça de ganga amarella muito estreita e com presilhas; luva de algodão branco e bengala de canna da India com pesado castão de prata: eis o Morgado. Dos primores do vestuario da sr^a. Morgada, notávamos já sua apparatusa barretina, quando uma curiosidade irresistivel attraio toda a nossa admiração para a Morgadinha.

A sr^a. Juiza vae fazer 19 annos; é d'altura regular, um bocadinho nutrida, sem prejuizo da elegancia natural da sua figura. É um pouco morena e ligeiramente corada; tem um bello cabello negro. Na testa por toda a raiz do cabello vae-lhe uma cadeia de annellinhos grudados com bandolina em perfeita symetria com os pingentes de vidrilhos, que lhe cercam a aba do chapeo pastoril. É um chapelinho de palha branca habilmente enfeitado com uma fita côr de rosa e outra de renda branca e uma searasinha e um bosquesinho e um jardinsinho. Um collar symbolicamente bordado de côr pela propria Juiza; uma fita escarlata com borboletas nas pontas do laço; um casaquinho curto de setim de lá, preto e todo cercado d'um zigzague de trancinha escarlata e verde, prezo apenas ao pé do laço por um amor perfeito de oiro e esmalte, de modo a deixar ver um peitilho bordado como o collarinho e cheio de botões de vidro, que a custo se podem ver atravez das voltas de nove cordões de oiro; um cinto amarello com fivella prateada apertando-lhe a cintura delicada, apezar da opulencia das formas; finalmente uma saia um pouco curta e de muita roda d'uma chita azul com semciadinho amarello e branco e umas luvas de pellica azul fincando-lhe o botão no roliço pulso — eis a toilette da vistosa Morgadinha. Com tudo isto a sr^a. Juiza é uma linda rapariga; tem uns bellos olhos pretos, cheios de viveza e de meiguice, uma boca deliciosa, uns magnificos dentes e um sorriso, que, mal assoma, já os olhos tornando-se muito piscos, de combinação com umas covitas na face graciosissimas, o tornam seductor; é uma pessoa cheia de alegria, de bondade, de saude e de actividade, e, com perdão do sr. Antoninho regala-se a gente a olhar para ella.

Tomou cada um o seu lugar e o espectáculo interrompido uns minutos ia continuar, quando irrompe a voz imperiosa do sr. Regedor:

— Alto ahi. Vá primeiro esse hymno, ó da musica.

Um dos actores:

— Ó sr. tio, é melhor a musica no fim do acto, se o sr. Morgado...

O Morgado:

— Essa é boa! Ó sr. Regedor? a musica tocará logo... Vamos, rapazes, vamos ao entremez.

E o galá durante todo este tempo a suar com a ingenua desmaiada nos braços, continuou com voz guttural e com os dentes fortemente serrados:

« Oh! ceos! Elvira? meu bem, escuta o clamor d'um fido amante. »

Um espectador:

— Ó José, ferra-lhe um beijo, que já essa impostora accorda.

(Grande sensação no publico, applaudindo uns, outros censurando.)

A Morgada para o sr. Regedor sentado ao seu lado.

— Começou ha muito, sr. Regedor?

O sr. Regedor:

— Ha um nadinha, excellentissima, e é rica coisa! (Ocorrendo-lhe uma idéa). Ó rapazes? parem ahi, — diz elle erguendo a voz — ó José planta ahi a Elvira n'essa cadeira e vae lá dentro fazer mais um tudo-nada de trovoadas para a sr^a. Morgada ouvir.

— Mas agora não calha, tio Regedor — diz a ingenua, interrompendo a scena — e tornando a desmaiar.

— Calha, sim — diz o Regedor, vae.

E o galá teve de obedecer.

— Ó aquelle? — grita um espectador, quando o galá ía sair da scena — olha ahi, vê se me guardas um tudo-nada d'ella com chuva para a minha horta de cima.

N'este momento succedeu olharmos para o sr. Antoninho, que se sentára ao lado da Juiza. Sobresaltou-nos o seu aspecto. Cobria-o a palidez da morte; espirravam-lhe da testa as bagas do suor e o sangue do beijo inferior onde os dentes se lhe ferravam nas contracções d'uma mysteriosa agonia; os olhos queriam saltar-lhe das orbitas, e das ventas dilatadas lhe saía um temporal, em quanto as mãos apertavam os joelhos em crispacões nervosas. Era horrivel! E mais horrivel ainda, quando, a cada olhar meiguissimo da formosa Juiza, tinha o desventurado de forjar o sorriso do martyr. O que era?..

Os pés de Antoninho não podiam, como seu dono, aspirar ao diminutivo da sua denominação; fôram criados em liberdade e tomaram-lhe amor; um dia prenderam-nos, e elles reagiram com a energia do desespero, armando-se com meia auzia de callos, e d'então, não cessaram de reclamar seus antigos foros e regalias. Hoje, vendo-se aprisionados em umas botas apertadas de polimento ponteadas a retroz côr de rosa, defendiam-se heroicamente, mas era inutil; estava ali a Juiza resplandecente de juventude, de belleza e de ternura, e Antoninho, enlouquecido pelos encantos d'aquelle amor, mais radiante d'esperanças, do que o ceo de constellações, tinha mais que fazer do que estar a ouvir as queixas dos prisioneiros. N'um momento, porém, tudo mudou, e as victimas tornaram-se algozes. A bota luzente d'Antoninho desaparecera sob outra bota tambem de polimento, tambem ponteadas vistosamente e obra do mesmo author. Era mais pequeno, sim, e era bonito o pé, que ella encerrava, e esse pé era da Morgadinha. Mas a Morgada era socadinha, e, se a ternura lhe accodia ao pé, tambem lhe accodia o pezo. Depois a Morgadinha, desvanecida com a vista da impressão extraordinaria, que causava, feliz de lhe dar tanta felicidade, maior lhe parecia a commoção do infeliz, mais ella carregava. Estavamos já a ouvir o grito terrivel, que ía

sair d'aquelle peito arquejante, e é n'este momento, que o conductor da diligencia nos segreda ao ouvido: « São horas, o carro vae partir. »

Meia-hora depois, á distancia de quatro kilometros, subia a diligencia n'uma pequena encosta ao lento passo das trez mullinhas; esvoaçava por ali a noitibó em agoirentos pios, e a nós saltava-nos a tentação de lhe perguntar, qual de nós era mais triste, se ella com o seu canto, se nós com tanta saudade; porém callámo-nos e a noitibó tambem; por entre o melancolico murmurio dos pinheirões um grito, um lamento ali passava carregado de maiores tristezas. O figle! exclamámos nós, é o figle ou a turina! talvez ambos!.. E uma lagrima veio affogar-nos o olhar, sympathicamente cravado n'uma estrella lá na direcção do arraial. Recordando-nos então do supplicio do sr. Antoninho, pensavamos, ouvindo o figle « se ao menos elle podesse berrar assim!.. »

N'isto a estrella, que fitavamos, caía desfeita em pedaços de chamma. Era o primeiro balão que, encontrando uma corrente de ar, que o tombou, ardia no vertice do angulo formado pelo nosso olhar saudoso e o de tantos felizes que lá deixámos.

Lisboa, abril de 1878.

FERNANDO CALDEIRA

O NAVIO COURAÇADO "SUPERB"

Este barco, construido pela companhia Thames Iron Works para o governo turco, foi reputado contrabando de guerra, e como tal não poudo seguir viagem para a Turquia. Ultimamente o governo inglez resolveu tomal-o para si. Foi avaliado em 2,250 contos (500,000 libras). Não se sabe, porém, o preço por que a Inglaterra o comprou. Tem de comprimento 113 metros, e de largura 20; mede 5,349 toneladas, e a machina é da força de 7,000 cavallos.

Como navio de guerra e como sumptuosidade interior é considerado uma das maravilhas da moderna construcção naval.

UMA LATADA DE MARACUJÁ

O maracujá é o fructo de uma planta trepadeira, propria das regiões tropicaes, e um tanto parecida com a nossa hera. Os naturaes apreciam-no, muito, mas ao paladar europeu desagrade por um certo sabor enjoativo, caracteristico de quasi todos os fructos d'aquelles climas. O que ha de curioso no maracujá é a flor, que apresenta na sua conformação uma admiravel semelhança d'uma coroa de espinhos, rodeada de cravos. D'aqui, uma especie de culto supersticioso, que votam áquelle emblema da paixão do Redemptor os pretos convertidos ao christianismo, mas sempre fetichistas de inclinação. Esta planta é muito ornamental, e com ella se fazem formosissimas latadas. O maracujá suppõe-se ser indigena da Africa occidental, mas encontra-se em todos os paizes tropicaes; os portuguezes introduziram-no no Brazil e d'ali se propagou por toda a America

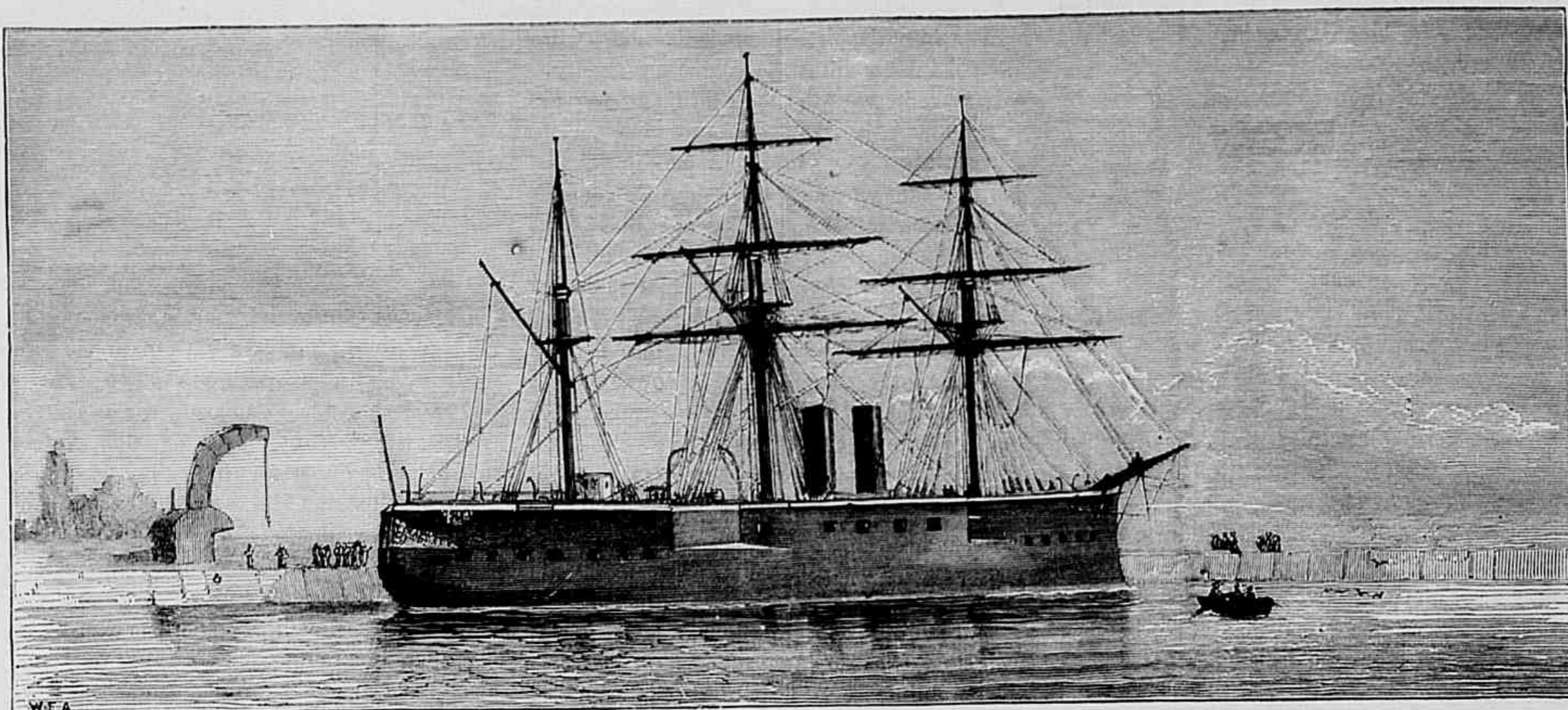
do Sul. Encontra-se ainda em climas mais temperados, como nas ilhas dos Açores e Madeira, onde a sua flor singular é tambem objecto, entre o baixo povo, d'aquelle especie de veneração que já notámos.

A EXPOSIÇÃO DE 1878

De todas as exposições até ao dia de hoje, ainda nenhuma occupou um espaço tão vasto como esta. Assim a exposição de Londres de 1851, cobria apenas uma superficie de 90,000 metros; a da mesma capital, de 1862, 160,000 metros; a de Paris, em 1867, 449,000 metros; a mais recente de todas, a de Philadelphia, em 1876, occupava uma extensão de 598,000 metros. A de Paris de 1878 cobre uma superficie de 750,000 metros.

Ha duas partes distinctas n'esta Exposição. O edificio do Campo de Marte é provisório, e apenas construido com o fim de servir durante a Exposição. É aquelle vasto rectangulo que se vê á direita na nossa estampa. Do outro lado da ponte está o edificio do Trocadero, que permanecerá como monumento commemorativo da Exposição de 1878. É um palacio de dimensões colossaes, consistindo principalmente n'uma immensa sala, de forma circular, coberta com um zimbório, e prolongando-se aos lados em duas formosas gallerias sustentadas por columnas. Do lado dos jardins, e da frente do palacio, cae uma immensa cascata d'agua, de um effeito surprehendente. Das gallerias d'este palacio, que está situado n'uma grande elevação, goza-se d'um esplendido panorama, não só formado pelos jardins que estão embaixo e pelos edificios e avenidas do Campo de Marte, como tambem por uma grande parte de Paris que se avista d'ali. Á direita e á esquerda o Sena serpeia gracioso, banhando a oeste as pittorescas encostas de Bellevue e Meudon, e a leste o Louvre, Notre-Dame, e muitos outros monumentos architectonicos que tão proeminentes são em qualquer vista de Paris tirada de alto. Nos jardins do Trocadero estão entre outras construcções os pavilhões da Persia, da China, do Japão e da Argelia, sem fallarmos do grande aquario, que tambem ficará depois de finda a Exposição. É n'estes jardins que a Hollanda expõe as suas 40,000 tulipas. Voltando ao Campo de Marte, encontram-se ainda muitos lagos pequenos e grutas ornamentaes, occupando o espaço que fica em frente da fachada do Palacio Industrial.

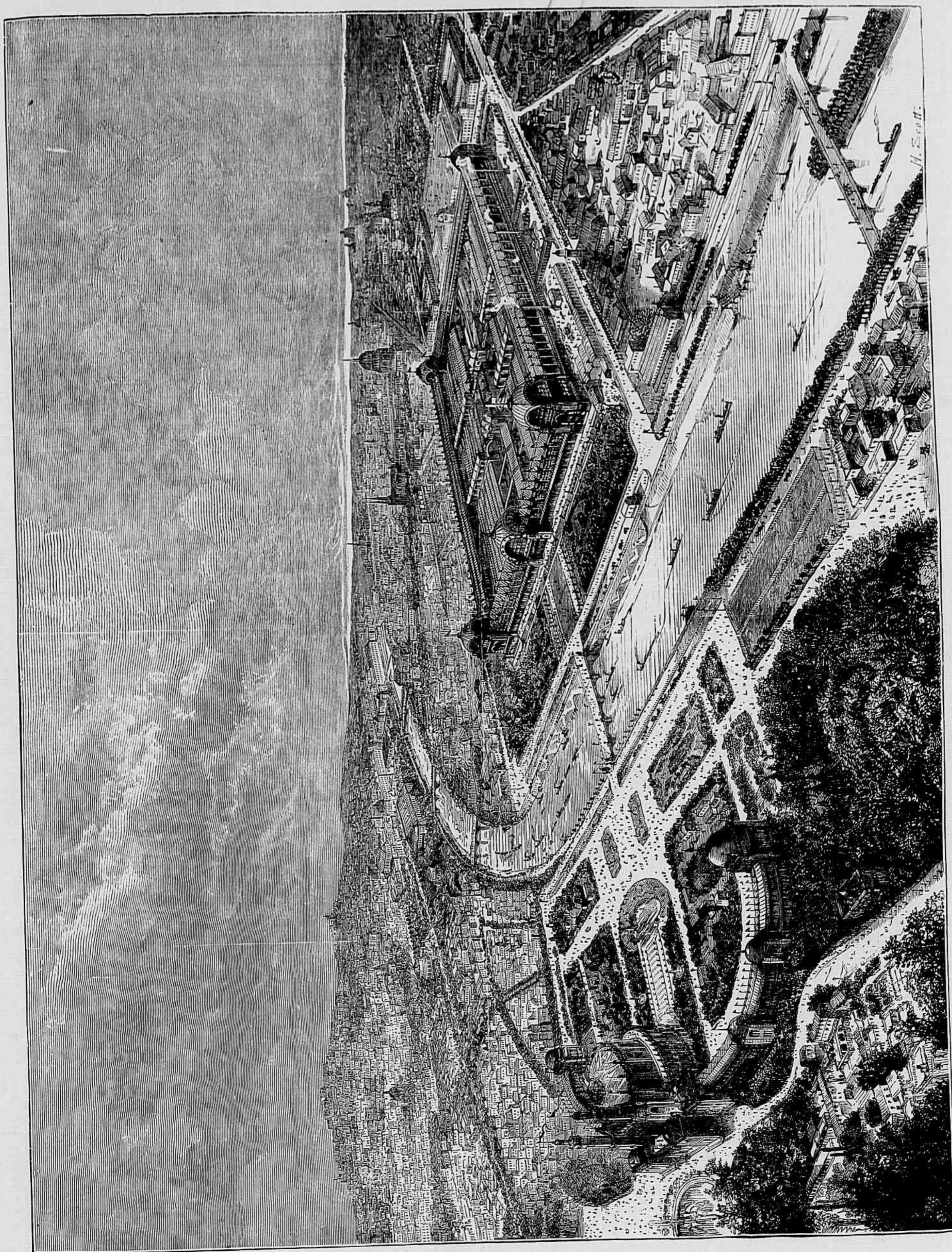
Encarecer, exaltar, magnificar o grande certamen industrial e scientifico da humanidade civilisada, a que vão assistir os representantes de todos os povos, de todas as raças, de todas as linguas, torna-se já tão redundante, que é tediosa banalidade. Tudo se tem dito, e em todos os tons da apothese. Esta apothese do trabalho humano é certamente uma coisa boa, sã, moralisadora. Mas será só a apothese do trabalho? Não será tambem a do luxo, do commodismo materialista e d'esse culto do *bezerro de ouro*, ante o qual o nosso seculo dobra o joelho tão complacente? É certo que estas exposições internacionaes, e em particular a actual



O NAVIO COURAÇADO INGLEZ "SUPERB"



UMA LATADA DE MARACUJA EM EMBOMA (AFRICA OCCIDENTAL)



ASPECTO GERAL DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS
(VISTA TOMADA A VÔO DE PASSARO)

Exposição parisiense, são grandes phenomenos sociaes, extremamente complexos, que é temerario pretender avaliar e julgar por um lado só e sob um só aspecto. Revelam uma actividade creadora verdadeiramente prodigiosa nas sociedades modernas, e por esse lado são para admirar e louvar sem restricções. Mas revelam também, por outro lado, symptomas de uma grave doença moral, a febre do gozo, a vida material considerada como o alvo do destino humano, a obliteração do alto instincto artistico, e devemos reconhecer que isto constitue uma sombra triste projectada sobre o fundo brilhante do quadro. A Exposição não offerece simplesmente um interesse industrial aos seus milhões de visitantes: offerece também um interesse moral e philosophico. Mas, no meio d'aquelles milhões de visitantes, quantos philosophos se poderão contar? Entre tantos centos de estatisticas, eis ahi uma que seria altamente curiosa e instructiva.

REVISTA BIBLIOGRAPHICA

O Primo Basilio, por EÇA DE QUEIROZ. Editor Ernesto Chardron, Porto, 1878.

O sr. Eça de Queiroz adquirio uma reputação de romancista notavel, quando publicou *O Crime do Padre Amaro* nas paginas da Revista Occidental. Este segundo romance corrobora os creditos que o seu author alcançara então. Romance da escola realista como o primeiro, predominam n'elle muito mais as qualidades de observação, do que as faculdades creadoras. Os seus personagens, todos triviaes, e reproduzidos d'*après nature*, são retratos perfeitos, mas não são tipos. É esta uma das differenças entre a escola realista e a escola romantica, e emquanto a nós uma inferioridade da escola realista. O personagem typico da escola romantica ou é uma individualidade que se distingue do vulgo por qualidades excepcionaes particulares e proprias; ou é a idealisação psychologica de individualidades caracteristicas. N'um e n'outro caso, o interesse moral, permittam-nos o adjectivo, que suscita o personagem, é superiormente justificado por uma tendencia real idealista que existe no leitor.

No personagem vulgar da escola realista, a aventura é o unico movel do interesse; e só para o critico ou para o artista é que ha um segundo interesse, na execução artistica da obra litteraria.

Alem d'isso, o sr. Queiroz é um caso particular dentro do realismo. Nos romances de Zola, por exemplo, ha, pela escolha dos assumptos, intenções sociaes profundas, d'onde sae uma lição para o leitor mais prevenido. Nos romances do sr. Queiroz, se ha outras intenções, a não serem as artisticas, estão por tal modo diluidas na impressão geral do quadro, que só um critico subtil as póde descobrir. Por isso em Zola transparece sempre o revolucionario e poderia bem ser que no sr. Queiroz não transparecesse mais do que o sceptico.

Ha ainda uma tendencia para o escandalo, como nos romances de Bellot, que agrava a exaggeração litteraria realista do ultimo romance do sr. Eça de Queiroz, e que francamente não podemos admittir n'uma obra de arte.

Feitas estas restricções, o novo livro do distincto romancista não nos parece nem pela concepção, nem pelo estylo, nem pelo vigor das descripções, inferior ao « *Crime do Padre Amaro* ». Achemos até mais aperfeiçoadas as qualidades do escriptor, e o conjuncto mais acabado.

A Mantilha de Beatriz, romance original, por MANUEL PINHEIRO CHAGAS.

É um romance de enredo, um romance de capa e espada, como se chamava na antiga litteratura a esta especie de composições.

As aventuras heroicas e amorosas de fidalgos portu-

guezes do seculo dezessete formam o assumpto do novo romance do fecundo escriptor. Os fios do enredo são varios quiprocós que se desenlaçam por vezes com os gumes acerados das espadas cavalheirescas dos antigos gentishomens. O estylo elegante de Pinheiro Chagas narra estas aventuras com a facilidade do escriptor experimentado, que tem consagrado ás letras a melhor parte da sua vida.

Itinerario de uma caçada aos elephantes, por PANTALEÃO DIOCLECIANO FERNANDES.

É a narrativa de uma viagem pelo interior da Africa austral, precedida por um prologo do distincto escriptor e poeta, o sr. Bulhão Pato.

Quadros de leitura, por A. SIMÕES LOPES.

É um livro destinado ás escolas primarias, e publicado pelo editor Mattos Moreira.

Aos Veteranos da liberdade por GUERRA JUNQUEIRO.

Poesia recitada no theatro de D. Maria 2ª.

Carta relativa aos projectos de reforma da lei das sociedades anonymas, por JOÃO ANTONIO de FREITAS FORTUNA, Porto, 1878.

É um estudo sobre uma questão economica da actualidade. São algumas paginas bem escriptas, conscienciosas e reflectidas.

O Occidente, publicação quinzenal illustrada.

No principio do corrente anno appareceu em Lisboa um novo periodico com o titulo acima mencionado. Este periodico avanta-se a todos os do mesmo genero que teem visto a luz publica em Portugal. Os desenhos de Manuel de Macedo, gravados por Alberto, são muito apreciados e a impressão é primorosa. Collaboram no jornal que é dirigido litterariamente por Guilherme de Azevedo, os nossos mais conhecidos e distinctos escriptores.

JOÃO TEDESCHI

VARIEDADES

ORÇAMENTO DA PREFEITURA DE POLICIA DE PARIS. — A despeza orçada para este anno é de 21,950,836 fr. (3,951 contos de reis).

As verbas principaes são as seguintes:

Pessoal da administração central, 1,309,738 fr.

Bombeiros-sapadores (pessoal e material), 1,594,593 fr.

Polícia municipal, incluindo os ordenados dos inspectores, sargentos e soldados de policia, 15,387,650 fr.

D'esta ultima despeza, metade é paga pelo municipio e metade pelo estado.

Morava hatrez annos no *boulevard des Batignolles*, em Paris, um ferro-velho chamado Moureaux. A mulher era muitissimo nervosa, e ás duas por trez tinha um ataque de nervos.

Uma vez, teve um tão forte, que o marido, assustado, julgou que estava damnada. Vae appressado á loja e traz um capacete da idade-média, que por lá tinha, e applica-o á mulher em ar de açaimo, para a impedir de morder. Feito isto, apezar da mulher estar em camisa, empurrou-a para a rua...

Podem figurar qual seria o espanto do publico á vista d'aquella mulher em camisa, e de capacete com plumas!

Passado o riso, decediram leval-a ao commissario de policia. Como durante o caminho, o accesso tivesse abrandado, a senhora Moureaux, ponde, com uma voz cavernosa que saía das profundezas do morrião, dizer o seu nome e morada.

Fôram chamar o marido para lhe tirar o capacete. Mas ahi é que começou o drama. A viseira tinha uma fechadura de segredo, e esse segredo não era conhecido do ferro-velho.

Foi preciso chamar um serralheiro que teve que trabalhar 24 horas consecutivas para livrar a pobre mulher d'aquelle tormento, e no entretanto foi sustentada a caldo, com um canudinho, que se passava de quando em quando pelos intersticios do elmo.

M. Bréguet acaba de inventar um novo telephone, o *telephone de mercurio*.

O novo telephone consiste em doisapparelhos semelhantes, um de emissão, e outro de recepção, ligados um ao outro por dois fios metallicos. Cado um d'estes apparelhos consiste u'um vaso de vidro contendo agua acidulada. Um tubo capillar contendo mercurio mergulha pela extremidade na agua acidulada. Os mercurios dos dois vasos communicam entre si por meio de um fio e os dos dois tubos por meio d'outro. Se se fallar por cima de um d'estes apparelhos, chamado *transmissor*, o ar que está em cima do mercurio do tubo vibra; estas vibrações communicam-se ao mercurio, que produz variações de força electro-motriz em relação com estas vibrações; estas vibrações transmittem-se ao apparelho *receptor*, e as vibrações que o ar recebe recolhe-as o ouvido.

Depois de varias experiencias, de um exito muito favoravel, os sn^{rs} Breguet e Lipmann conseguiram ainda tornar o apparelho mais simples. Actualmente compõe-se muito simplesmente de um tubo de vidro delgado de alguns centimetros de comprimento, contendo alternativamente gotas de mercurio e agua acidulada, constituindo por essa fórma outros tantos elementos electro-capillares produzindo tensões. Para se transmittirem as vibrações vocaes e para as receber, tem o tubo, ao centro, uma rodella de pinho delgado. Com este apparelho, não é necessario pilha; a resistencia dos fios é muito pequena, por isso podem-se empregar quaesquer de pequenissimo diametro.

É de esperar que se não pare aqui, e que não seja esta a ultima palavra sobre o modo de se transmittir a voz a grandes distancias.

A mãe queria que o pequeno comesse carne todos os dias ao jantar. Para o conseguir tinha que emprender uma lucta. Um dia, o menino não só não resistio, mas até, acabada a primeira dóse, pediu mais.

Estranho, diz-lhe a mãe, o menino hoje ser tão bonito, e pedir mais ainda.

— E para não ficar nenhuma para amanhã, respondeu a criança.

Um homem no Brazil tomou para seu serviço um creado ilheo dos Açores, que tinha todas as boas qualidades menos a de ser bom cavalleiro.

Um dia foi fazer uma grande jornada a cavallo. O creado ia na rectaguarda escarranchado n'um burro. Pouco a pouco a albarda foi andando com elle para o pescoço do animal. E o pobre diabo muito afflicto, a fazer milagres d'equilibrio. Afinal quando já não via do burro senão a ponta das orelhas, poz-se a gritar: — Ó sr. meu amo, essa terra para onde vamos ainda fica muito longe?

— Ainda sim, porque?

— É que o mé burro vae-se-me acabando.

Propriétaire-Gérant: SALOMON SARAGGA.

PARIS. — Impr. J. CLAYE. — A. QUANTIN et C^e, rue St-Benoit. [996]

Papier de la maison Firmin-Didot et C^e.

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

PERIODICO MENSAL PUBLICADO COM A COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES ESCRIPTORES E ARTISTAS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

PREÇOS DA ASSIGNATURA

| PORTUGAL E COLONIAS (Moeda forte) | | BRAZIL E AMERICA DO SUL (Moeda fraca) | | FRANÇA E ESTADOS DA UNIÃO GERAL DOS CORREIOS | |
|--------------------------------------|--------------|--|---------------|---|-------------|
| Anno | 3\$000 réis. | Anno | 10\$000 réis. | Anno | 16 francos. |
| Semestre | 1\$500 » | Semestre | 5\$000 » | Semestre | 8 » |
| Trimestre | \$800 » | Trimestre | 3\$000 » | Trimestre | 4 » |
| Mez ou numero avulso | \$300 » | Mez ou numero avulso | 1\$000 » | Mez ou numero avulso | 1 fr. 50 |

As assignaturas são pagas adiantadamente.

Os assignantes de Lisboa ou Porto poderão, querendo, pagar os seus numeros no acto da entrega, na rasão de 300 réis por cada numero.

Os annuncios e assignaturas devem ser dirigidos em França ao Sr. Salomão Saragga, rue Lauriston, 11, PARIS. Em Portugal, ao Sr. David Corazzi, rua da Atalaya, 42, LISBOA; e no Brazil ao Sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, 83, RIO DE JANEIRO.

BENTO MORENO

COMEDIA DO CAMPO

(SCENAS DO MINHO)

VOLUME I

Historia vulgar. — Vingança do morto — O brinco d'Ermelinda.
A cobra. — O criado do cura. — O tio Agrella. — O ramo d'oliveira.
O canto do gallo. — O caso do Manoel do Eido.

VOLUME II

AMOR DIVINO

(ESTUDO PATHOLOGICO D'UMA SANTA)

VOLUME III

(NO PRELO)

Antonio Figueiro. — A morte Negra. — O rei Absoluto. — O enterro d'um cão
Os ovos do recebedor da comarca.

Preço de cada volume : 500 reis

NOTA. — Os volumes da *Comedia do Campo*, já publicados vendem-se separadamente. Os pedidos podem ser dirigidos á Empreza Horas Romanticas, Lisboa, rua da Atalaya, 42. O porte do correio é franco.

BIBLIOTHECA ILLUSTRADA

DE INSTRUÇÃO E RECREIO

CONTOS INFANTIS

Cada conto fôrma um folheto com 6 excellentes gravuras coloridas.

ACHAM-SE PUBLICADOS OS SEGUINTES

CHÁ DE D. BICHANA, (2.^a edição) Preço 200 réis.
JANTAR DOS TÓTÓS, (edição esgotada).
PINTAROXO, (edição esgotada).
O CÃO PALHAÇO, (edição esgotada).
HISTORIA DE JOÃO DE GATINHAS, (edição esgotada).
ANSELMO, O RUIM. Preço 200 réis.
HISTORIA DO BARBA AZUL. Preço 200 reis.
O MENINO E OS GIGANTES. Preço 200 réis.
ALADDIM OU A LAMPADA MARAVILHOSA. Preço 200 réis.
AVENTURAS DE UM ANÃO. Preço 200 réis.
ALI-BABA OU OS 40 LADRÕES. Preço 200 réis.
A PRINCEZA ENCANTADA. Preço 200 réis.
A VELHINHA QUE MORAVA N'UM SAPATO. Preço 200 reis.
A CAZA DE JOÃO RATÃO. Preço 200 réis.

NO PRÉLO

A MAMÃ.
O TARECO DE BOTAS.
A GATA BORRALHEIRA.

À VENDA NA EMPREZA
HORAS ROMANTICAS
Rua da Atalaya, 42, Lisboa

GUERLAIN DE PARIS

15, Rue de la Paix, 15

Perfumeria de Luxo.—Artigos Recomendados.

AGUA DE COLOGNE IMPERIALE.—SAPOCETI, Sabonete de toucador.—Creme Saponina (AMBROSIAL-CREAM) para a barba.—CRÈME de FRAISES para amaciar a pelle.—Pós de CYPRIIS para branquear a cutis.—STILBOIDE Cristallizado para o cabelo e barba.—AGUA ATHÉNIENNE e Agua LUSTRALE para perfumar e limpar a cabeça.—SHORE'S CAPRICE, PERFUME DE FRANÇA.—FLORES NOVAS para o lenço.—Agua de CÉDRAT e Agua de CHYPRE para o toucador.

PAPEL RIGOLLOT

ou
MOSTARDA EM FOLHAS PARA
SINAPISMO

Medalha de Prata
Havre, 1868

MEDALHA DE OURO

Lyon, 1872

MEDALHA DE PRATA

Paris, 1872

Diploma Honorifico

EXPOSIÇÃO MARITIMA, PARIS, 1875

Adoptado pelos hospitaes de Paris, pelas
Ambulancias e hospitaes militares,
pela marinha nacional fran-
ceza e pela marinha real
inglesa, etc., etc.

« Conservar a mostarda todas as suas pro-
priedades obter em poucos instantes com a
menor quantidade de medicamento possivel
um effeito decisivo, eis os problemas resol-
vidos pelo sr. RIGOLLOT, com o mais feliz
resultado. » (A.) Bouchardat, *Annua-
rio de Therapeutica*, 1868.

AVISO IMPORTANTE

Devemos aconselhar aos nossos freguezes
que se acautelem contra o papel que se lhes
apresentar como podendo substituir o papel
Rigollot para sinapismos. O nosso papel
é o unico adoptado pelos hospitaes
civis, e militares, a bordo dos navios do Estado.
E alem disto o unico premiado nas exposi-
ções universaes tendo obtido varias
medalhas de prata e uma de ouro e
recentemente um diploma honorifico.

Por conseguinte, todo o papel que não tiver
a firma de Rigollot deve ser recusado como
falsificado.

N. B. — As nossas caixas são envolvidas
por uma tira de papel amarelo, que traz a
firma do inventor

Exija-se esta firma. — F. Rigollot.

Ha falsificadores.

Paris. 24, Avenue Victoria, 24.

Depositos: No Rio de Janeiro, Dupon-
chelle, em Pernambuco, Mauresse e C^{ia}.

GRANDE HOTEL

DO

BRAZIL E PORTUGAL

RUE DE MONTHOLON, 30

PROPRIETARIO, L. LA PIERRE

PARIS

Este hotel situado no centro da Ci-
dade, proximo dos caminhos de ferro e
na visinhança do *Square Montholon* aca-
ba de ser novamente mobilado e orga-
nisado pelo seu novo proprietario que
falla portuguez e hespanhol.

Accomodações independentes para
familias e quartos separados a preços
modicos por dia ou por mez.

Comida por lista ou á meza redonda.

Completo sortimento de vinhos fran-
cezes portuguezes e hespanhoes.

ANTI-GOTTOSO BOUBÉE

XAROPE DEPURATIVO VEGETAL

Apresentado à Academia de Medicina de Paris e privi-
legiado em 1840. Recomendado ha mais de meio
seculo pelos mais celebres Doutores de Paris, como
um especifico infallivel contra:

GOTTA E RHEUMATISMOS

Allivia instantaneamente as dôres e cura radicalmente.

EXIGIR AS NOVAS GARRAFAS COM AS MEDALHAS NO ROTULO
DEPOSITO GERAL: Paris, 4, rue de l'Échiquier.

VELOUTINE

Ch. Fay

9, RUA DE LA PAIX, 9

Paris

Pó de Toucador

IMPALPAVEL, ADHERENTE E INVISIVEL

Substituindo com vantagem o pó
d'arroz e outras preparações.

Basta uma leve applicação para
dar á pelle a frescura e o avelludado
da mocidade.

5 francos caixa completa com borla.
4 — — — sem borla.

A' venda nas principaes lojas de perfumarias.

CATAPLASMA LELIÈVRE INSTANTANEA

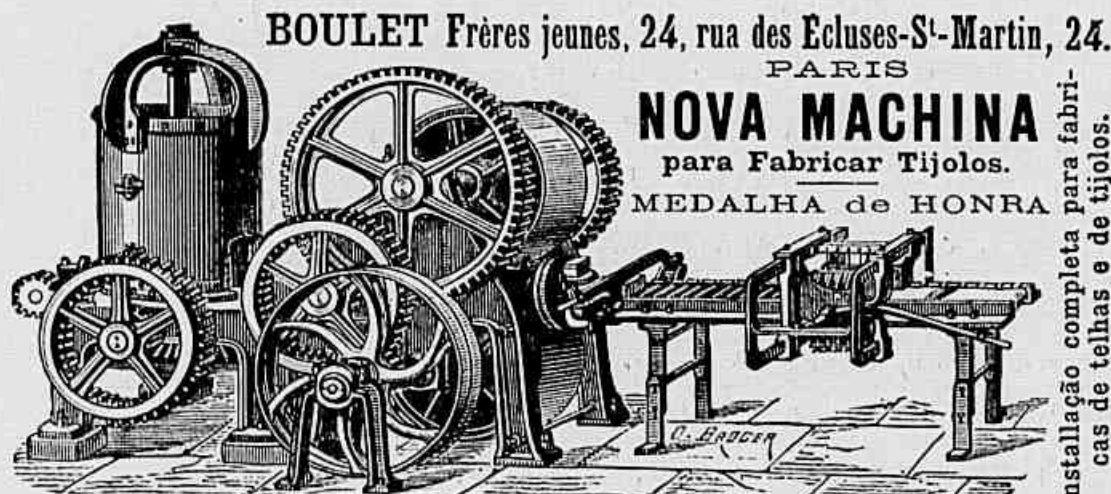
APPROVADA PELA ACADEMIA DE MEDICINA

Adoptada pelo Ministerio da Guerra,
pelas Ambulancias e Hospitaes e pelo Ministerio da Marinha para o serviço da armada.
PRIVILEGIADO S. G. D. G.

Mais emolliente do que a Cataplasma de linhaça, de mais commodo emprego,
não exigindo pannos nem compressas.

VENDA POR ATACADO:

24, Avenue Victoria, 24, Paris. — A retalho: em todas as Pharmacias.



Expedição franco de Catalogos illustrados a quem os pedir por carta franqueada.

BOULET Frères jeunes, 24, rue des Ecluses-St-Martin, 24.

PARIS

NOVA MACHINA

para Fabricar Tijolos.

MEDALHA de HONRA

Instalação completa para fabri-
cas de telhas e de tijolos.

AGUA do Doutor A. HOLTZ

PARA

TINGIR o CABELLO

Composta exclusivamente de principios vegetaes, a Agua do Doutor Holtz
não apresenta nenhum dos inconvenientes que se encontram em quasi todas as
tinturas d'este genero. Da ao cabelo uma cor natural, destroe a caspa e conserva
o caseo n'um estado de limpeza constante.

A Agua do Doutor Holtz é não só um excellente artigo de toucador, mas
tambem um tonico perfecto.

Cada frasco é acompanhado d'um prospecto revestido, bem como os rotulos, da
assignatura do Doutor A. Holtz.

Les Abonnements et les Annonces sont reçus

AUX BUREAUX DE LA

CORRESPONDANCE PARISIENNE

14, rue de la Grange-Batelière, 14